

O sonho dourado dos laranjais

Bebedouro tem no ar um cheiro de flor de laranjeira... e de dinheiro. A cidade, situada entre a rica Ribeirão Preto e a rica São José do Rio Preto, a 400 quilômetros de São Paulo, tem mais dinheiro do que elas: a maior renda per capita do país. O prefeito Edne José Piffer, do PL, não gosta de falar dessas coisas. Preferia não tocar nesse assunto de riqueza, com medo de que a crescente chegada de migrantes se acentue e a qualidade de vida da cidade — ótima — decaia.

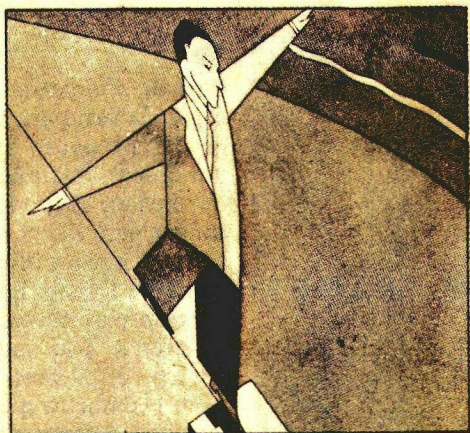
Mas como negar que Bebedouro só tinha um prédio, há seis anos, e agora tem quatorze? Como esconder que os 46 mil habitantes de 1980 são agora, nove anos depois, 90 mil? E que o orçamento municipal deste ano, estimado em NCz\$ 6 milhões, vai atingir NCz\$ 20 milhões? A laranja, naturalmente, é a responsável por tudo: representa 85% da arrecadação. Mas também é verdade que o município e seus vizinhos contribuíram para isso, oferecendo um solo excelente para os citricos, de um tipo arenoso, e clima adequado, de inverno bem definido.

Para corresponder ao seu novo status, a cidade está trocando sua agradável feição interiorana por ares de urbe importante. As ruas vão sendo alargadas e 58 quarteirões tiveram seus decanos paralelepípedos soterrados pelo asfalto. O shopping center — nesta parte do Estado, só São José do Rio Preto e Ribeirão Preto têm disso — já está pronto. São 48 lojas e um hotel quatro estrelas, num empreendimento estimado em US\$ 18 milhões.

A cidade é pequena mas já tem, orgulhosa, seu shopping center.

O edifício mais luxuoso da cidade — o "Gaiola de Ouro", como foi apelidado — tem apartamentos de 680 metros quadrados e prestação acima de NCz\$ 10 mil por mês. Como outros dez dos edifícios novos da cidade, todos de dezessete andares, está em fase de acabamento. Todos os apartamentos estão vendidos, em sua maioria para pessoas ligadas à cultura da laranja, desde grandes produtores a técnicos mais modestos. A construção dos prédios não foi, entretanto, tranquila: iniciada na euforia da quebra da safra de laranja nos Estados Unidos, em 1983, emendada à passagem e derrocada pelo Plano Cruzado, trouxe sérios problemas aos incorporadores. E só agora os prédios estão sendo concluídos. Mas, com exceção de um único, os incorporadores vieram de outras cidades.

Em outra área, a das finanças um dado oficial situa a agência do Banco do Brasil em Bebedouro como a oitava em volume de depósitos no País, e a terceira no Estado. O gerente adjunto Deusdete Ferreira Almeida não pode precisar esse dado, mas revela que sua agência é classe A, "enquanto a de Ribeirão Preto é classe



C". Um dos itens para a classificação, explica, é a lucratividade. Deusdete está impedido de revelar o volume de depósitos e aplicações da agência, mas admite que ele "não é comum em muitas agências".

A dois quarteirões do banco, no belo prédio com ares de colonial americano que sedia a Prefeitura, o prefeito Piffer fala de sua preocupação com os migrantes. "Tenho medo de ver famílias morando sob o pontilhão da Fepasa." Os migrantes têm chegado nos últimos dois, três anos, principalmente na época da safra (que está começando) vindos do Paraná e Minas Gerais. Os trabalhadores volantes, ou bóias-frias, da cidade têm-se instalado em casas populares, construídas pela Cohab. Outras famílias de baixa renda ocupam apartamentos em vinte prédios de três andares, da mesma origem. "Mas já surgiu uma favelinha, de sessenta barracos feitos por migrantes", alerta Piffer. "Vou fazer quinhentas casas, em mutirão, para solucionar o problema. Mas se continuam chegando..."

Graças à laranja, a renda per capita é quatro vezes a nacional.

Bebedouro tem 100% de água e esgoto, cinco bem equipados centros sociais em bairros populares e um cotidiano sem engarrafamento de trânsito. Um assalto a mão armada, a uma casa comercial merece um grande destaque no noticiário das emissoras de rádio. Na terra do suco de laranja, a Coca-Cola está instalando uma fábrica. Os laranjais, com 8,5 milhões de pés, bordam e envolvem a periferia da zona urbana.

Mas numa esquina da praça da matriz, bem ao lado do velho cinema, uma verdadeira bolsa de informações funciona entre o balcão e o bule com coador de Café Rio Branco. Nas paredes estão painéis com dados do município (área, 723 Km²; temperatura média, 22 graus etc.), atualizados pelo dono, Jorge Caram. "Eu pesquisei todo ano os dados do IBGE", garante e prova, mostrando publicações especializadas.

Eis um dado de 1987: a renda per capita de Bebedouro era de US\$ 8.900, contra US\$ 5.500 de Ribeirão Preto e 2.100 do país. "É lógico. Aqui, qualquer pobre disposto a apanhar laranjas ganha NCz\$ 500 por mês", diz Caram, misto de dono de bar, pesquisador e jornalista. E detalha: "Qualquer moleque tem uma nota de NCz\$ 10 no bolso".

Na "Esquina do Pecado", como é chamada essa em que está o café, as notícias circulam. E vão parar dentro do café, no jornal O Mural da Ex-Quina, uma lousa onde também são anunciados negócios, como grandes fazendas, a venda. "Aí tem mais movimento do que na bolsa de Nova York", brinca Jorge Caram.



Álvares da Silva, da Frutesp: faculdade para os cooperativados.



Na esteira da moagem, 240 milhões de caixas.

Um milhão de toneladas de suco

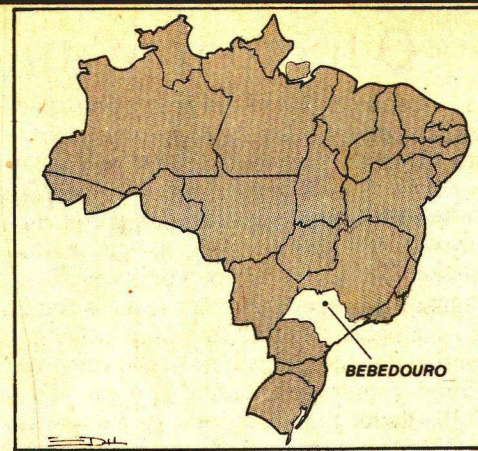
Apenas a Frutesp, uma das quatro grandes fábricas de suco de laranja, fatura US\$ 240 milhões, dinheiro suficiente para construir uma cidade de 125 mil habitantes, com 25 mil casas populares. A Frutesp, uma ex-estatal que tem o terceiro maior faturamento, vai tão bem que a empresa comprou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bebedouro para abrir um curso de Administração Rural, especialmente destinado aos membros da Coopercitrus Industrial, a cooperativa que administra a empresa.

O mercado, com Estados Unidos e Europa à frente, é tão ativo que os fabricantes brasileiros têm aumentado sucessivamente a produção. No ano passado, a Frutesp moeu 20 milhões de caixas de laranja e ficou com 16% do mercado. Este ano o mercado cresceu tanto que, mesmo moendo muito mais — 34 milhões de caixas, seu limite de produção —, a Frutesp terá apenas de 12 a 13% de participação.

Os números, afinal, impressionam: no ano passado, as indústrias de suco de laranja moeram 170 milhões de caixas. Este ano, vão moer de 240 a 245 milhões, que resultará em 900 mil a 1 milhão de toneladas de suco, praticamente tudo para exportação.

O grupo Brasinca, que reúne cinco empresas no setor automotivo, está investindo US\$ 10 milhões em ampliação de capacidade, modernização tecnológica do processo produtivo e interiorização da

produção. Com cinco unidades fabris concentradas no ABC Paulista, o grupo prepara-se para inaugurar em março uma nova fábrica em Caçapava, no Interior do Estado, depois de instalar sua estam-



Todos os dias, 600 caminhões de suco seguem para o Exterior.

"A nossa empresa é grande, em qualquer lugar do mundo", ufana-se Antônio Carlos Álvares da Silva, vice-presidente da Frutesp (o entrevistado que abre esta matéria). "Mesmo comparada com as americanas, ela é grande." Está certo que a sorte ajudou os produtores brasileiros de suco de laranja. Duas grandes geadas, em 1977 e 1983, que dizimaram os laranjais da Flórida, escancararam o mercado americano para o nosso suco. Hoje, quase a me-

Prudente Correa, um dos grandes produtores de laranja da região, é um homem preocupado "com reportagens que falam em 'barões da laranja' ou nos dólares de Bebedouro". Ele acha que a sugestão de riqueza fácil está estimulando empreendimentos precipitados na área de exportação de suco de laranja. "Em certos lugares do país, como o Paraná, estão fazendo os alicerces da fábrica antes de plantar a laranja. E um pé de laranja demora cinco anos para produzir."

Há quinze anos, quando fundou a Associação Paulista dos Citricultores, "os produtores estavam vendendo a troco do frete". Nessa época a empresa Sanderson, fabricante de sucos, havia quebrado, provocando uma grande crise e, hoje, Correa se preocupa também pelo fato de que os interessados em exportar suco de laranja "não querem saber quem bebe esse suco" — ou seja, não pesquisam o mercado.

Neto do fundador do município de Terra Roxa, vizinho de Bebedouro, Carlos Eduardo Prudente Correa não plantou café, como o avô, mas algodão e semente de milho híbrido. Em 1956 começou com a laranja, mas para abastecer o mercado interno. Dos 215 alqueires de sua fazenda, plantou apenas 80 com laranjas. Hoje é um dos cooperados donos da Frutesp e também de um apartamento no luxuoso edifício "Gaiola de Ouro", de Bebedouro. É proprietário também de 145 mil pés de laranja, em 385 alqueires de terra.

Em uma de suas fazendas, a Nova Prata, de 120 alqueires, mantém 86 empregados fixos e 100 volantes, fora os que são mandados pela cooperativa dona da Frutesp. Cinco dos empregados são especialistas que examinam com lentes os pés de laranjas e cuidam da prevenção de doenças.

tade da produção (300 mil toneladas, ano passado) vai para lá.

Mas há outra vantagem: a região de Bebedouro não está sujeita a geadas. De modo que foi só montar a fábrica e produzir? Não, diz Antônio Carlos. Foi preciso muita luta.

Este ano três linhas de produção vão trabalhar 24 horas por dia, inclusive nos fins de semana. Todo dia, 600 caminhões deixarão a fábrica com destino ao porto de Santos: são caminhões-tanques frigoríficos, que passarão o suco para os terminais da empresa no porto, de onde vão para navios de 6 mil a 14 mil toneladas. Nos Estados Unidos e em países da Europa, o suco passa para os terminais da Frutesp, de onde é retirado pelos clientes. "Nossa entrega é de porta a porta", diz Antônio Carlos.

A Frutesp investiu "de US\$ 10 a US\$ 25 milhões nos últimos anos", incluindo sua participação no campo da pesquisa. Seus planos de ampliação estão voltados para o aumento dos terminais frigoríficos da empresa nos Estados Unidos e a instalação de novos no Japão. Para o futuro, poderá adquirir algo que seus maiores concorrentes — a Citrosuco, a Cutrale e a Cargill, todas da região de Bebedouro — já têm: navios próprios.

crescimento. Neste ano, seu faturamento global deverá ser 30% superior ao de 88, totalizando US\$ 100 milhões. A maior empresa do grupo, a Brasinca Carrocerias, deterá o maior volume dos investi-

mentos: US\$ 1,5 milhão para adequar a fábrica de Caçapava para a inauguração e US\$ 5 milhões na instalação de um novo processo de pintura (por imersão) a ser implantado em dois anos.

Compare os dois mundos

Brasil real

● Apesar da onda de críticas e queixas contra o Plano Verão, a rentabilidade das empresas nacionais, durante os seis primeiros meses do ano, dobraram. O setor que mais rendeu, segundo a análise do consultor Dante Matarazzo, foi o do comércio: 39,5%.

Brasil oficial

● O déficit de caixa do governo, de janeiro a agosto deste ano, segundo o boletim da Secretaria do Tesouro, chegou a NCz\$ 15,9 bilhões. O maior item de despesa do Orçamento Geral da União foram os juros que o governo paga para rolar a dívida interna.